

<sup>1</sup> O conto "Dá-lhe, coração!" do escritor soviético Vassili Chukchin (1929-1974), faz parte da coletânea *Nieputiõmie liudi* (Gente destrambelhada)

# Dá-lhe, coração!<sup>1</sup>

VASSILI CHUKCHIN

Tradução de FÁTIMA BIANCHI<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Fátima Bianchi é doutora pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLIC-FFLCH-USP)

Uns três dias antes do Ano-Novo, na Aldeia Nikoláievka, rompendo o silêncio glacial de uma madrugada gelada, ressoaram dois tiros. Um após outro... De um fuzil de grosso calibre. E alguém gritou:

— Dá-lhe, coração!

O eco dos tiros se propagou por um longo tempo sobre a aldeia. Os cachorros começaram a latir.

Pela manhã tudo se esclareceu: o assistente de veterinária Aleksandr Ivánovitch Kozúlin havia feito os disparos.

O assistente de veterinária Kozúlin morava na aldeia havia apenas meio ano. Mas já desde sua chegada não havia despertado qualquer curiosidade da parte dos nikolaievianos. Era um homem de uma insignificância rara. De uns cinquenta anos, meio gordo, moleirão... Entretanto, andava a passos rápidos. E olhando para o chão. Cumprimentava as pessoas às pressas e baixava os olhos imediatamente. Falava pouco, baixo, de modo ininteligível e sempre como se algo o deixasse embaraçado. Era como se estivesse a par de algum segredo das pessoas e temesse se traísse caso as olhasse nos olhos. Não que tivesse algum receio por si próprio, mas por acanhamento e delicadeza. Nem mesmo as mulheres da aldeia haviam simpatizado com ele, ainda que respeitem mujiques sóbrios e quietos. O fato de ele ser sozinho também não agradava. Por que era sozinho, ninguém sabia, mas isso de, aos cinquenta anos, não ter família, não ter ninguém — boa coisa não podia ser.

E eis que este mesmo homem havia saído furtivamente de casa na calada da noite e disparado o fuzil para o céu duas vezes. E ainda se pusera a gritar. Ninguém entendeu nada.

Ao meio-dia um oficial corpulento da guarda civil, com o rosto vermelho crespado pelo vento, chegou ao posto veterinário à procura de Kozúlin.

— Bom-dia, camarada Kozúlin!

Kozúlin olhou surpreso para o oficial.

— Bom-dia.

— O senhor terá... de... ir até o *soviet* da aldeia<sup>3</sup>. Registrar uma ocorrência.

Kozúlin pôs-se a procurar algo no chão com os olhos...

— Que ocorrência? Para quê?

— O quê?

— Essa ocorrência, para que é? Não entendi.

— O senhor deu um tiro ontem? Mais exatamente, de madrugada?

— Dei.

— Então, precisamos fazer uma ocorrência. O presidente do *soviet* da aldeia está... querendo ter uma conversa com o senhor. A troco de que foi abrir fogo? Alguém o assustou, ou o quê?

— Nada disso... Aconteceu uma grande vitória na ciência, comemorei com uma salva de tiros.

O oficial olhou para o assistente de veterinária com um ar descontraído, um interesse sincero.

— Que vitória?

— Na ciência.

— E daí?

— Comemorei com uma salva de tiros. Que mal há nisso? Foi de alegria.

— Salvas de tiros são comuns em Moscou — proferiu o oficial num tom de sermão. — Mas aqui, isso se chama violação da ordem pública. Nós lutamos contra isso.

Kozúlin tirou o avental, vestiu o casaco e pôs o gorro, dando a entender que já estava pronto.

À porta do posto veterinário havia uma motocicleta com uma caleche.

O presidente do *soviet* da aldeia os esperava.

— Aquilo... esta noite, era uma salva de tiros — pôs-se a falar o oficial e voltou a lançar um olhar descontraído para Kozúlin. — O camarada Koziúlin<sup>4</sup> aqui me explicava...

— Kozúlin — corrigiu o assistente de veterinária.

— Hum?

— O correto é Kozúlin.

— E qual a dif... Ah-ah! — o oficial percebeu e caiu na gargalhada. Sentou-se pesadamente numa poltrona grande de couro. E tirou da prancheta o papel impresso para fazer a ocorrência. — Queira me desculpar, foi sem querer.

O presidente fez ranger suas botas de couro de bezerro, arrumou o cinto da camisa militar com a mão direita (da outra manga pendia uma mão artificial laqueada, perfeita), convidou o assistente de veterinária:

— Sente-se, camarada Kozúlin!

<sup>3</sup> Conselho da aldeia — órgão de administração local (N. do T.).

<sup>4</sup> O autor faz aqui um jogo de palavras com o nome Kozúlin, formado a partir da palavra *koziúlia*, que significa cabrito, e Kozúlin, da palavra *koziúlia*, que significa ranho de nariz (N. do T.).

Kozúlin também se acomodou numa poltrona funda.

— Então, o que foi isso que aconteceu? Por que o tiroteio?

— Ontem em Cape Town realizaram um transplante de coração em um homem, revelou solenemente Kozúlin. E se calou. O presidente e o oficial ficaram esperando. — O que mais? — De um homem morto para um vivo.

A cara do oficial murchou.

— Como é que é?

— Transplantaram o coração de uma pessoa morta em uma viva. De um cadáver.

— O quê, eles desenterraram o cadáver, pegaram e...

— Mas para que haveriam de desenterrar se a pessoa tinha acabado de morrer! — exclamou Kozúlin, exasperado. — Os dois estavam no hospital.

— Claro, isso às vezes acontece — concordou o presidente com um ar de condescendência —, fazem transplantes de alguns órgãos. De rins... e de outros.

— De outros, sim, mas do coração é a primeira vez. Trata-se do coração!

— Não vejo ligação nenhuma entre esse... caso patológico e os dois tiros em plena madrugada — disse severamente o presidente.

— Eu fiquei feliz... aturdido, quando ouvi, dei com os olhos na espingarda, saí correndo para o quintal e atirei...

— Em plena madrugada.

— E o que há de mais nisso?

— O quê? Perturbação da ordem pública dos trabalhadores.

— A que horas foi isso? — perguntou num tom severo o oficial.

— Não sei ao certo. Por volta das três horas.

— O que há com o senhor, até as três horas estava ouvindo rádio?

— Não conseguia dormir, fiquei ouvindo...

O oficial lançou um olhar significativo para o presidente.

— Que rádio de Moscou<sup>5</sup> é essa que às três horas está no ar?

— A "Maiak".<sup>6</sup>

— A "Maiak" fica no ar a noite toda — confirmou o presidente, mas sem tirar os olhos do assistente de veterinária. — Quem lhe deu o direito de causar distúrbios com tiros na aldeia às três horas da madrugada?

— Perdoe-me, na hora não atinei... Eu sou esquizofrênico.

— Quem? — O oficial não havia entendido.

— Esquizofrênico. — Apodera-se de mim, sabe... Perco o controle. — Como que imerso em reflexões, o assistente passou a mão pela fronte, depois pelos olhos. — Chirvo colo chirvo... Pó dental, etcetera.<sup>7</sup>

— O oficial e o presidente se entreolharam perplexos.

— Desculpe-me — tornou a dizer o assistente de veterinária.

— Da nossa parte, camarada Kozúlin, está desculpado — pronunciou compassivamente o presidente —, mas e quanto aos trabalhadores? Alguns deles têm de levantar às cinco da manhã. O senhor, que é uma pessoa com instrução, deveria compreender essas coisas.

— A propósito — animou-se o oficial com um ar amigável —, o que tinha o senhor de sair comemorando? Essa vitória não é da sua alçada. O

<sup>5</sup> O oficial sugere aqui sua suspeita de que Kozúlin estivesse ouvindo alguma rádio estrangeira, o que, durante os anos do regime soviético, era proibido. As pessoas tentavam pegar na surdina, na calada da noite, principalmente a rádio "Voz da América" (N. do T.).

<sup>6</sup> "O Farol" (N. do T.).  
<sup>7</sup> Transliterado do original. Combinação de sons e palavras sem sentido, que ilustram o estado da personagem (N. do T.).

senhor é um veterinário. Não foi em uma égua que fizeram o transplante de coração.

— Não ouse falar assim! — pôs-se a gritar de repente o assistente de veterinária. E enrubescou. Calou-se e perguntou em voz baixa e com amargura: Para que falar assim?

Por algum tempo todos se calaram. O primeiro a falar foi o presidente.

— Não há motivo para exaltações. Claro, essa é uma grande conquista para os cientistas. A questão não é em quem fizeram o transplante, todos nós, afinal de contas, fazemos parte do mundo animal, o que importa é a conquista em si. Ainda mais que foi realizada em um homem. Mas, camarada Kozúlin, vou lhe dizer mais uma vez: essa iniciativa do senhor com salvas de tiros noturnas não passa de uma perturbação grosseira da tranquilidade. Quantas conquistas desse tipo não estarão por vir! O senhor transformará a todos nós, cidadãos, em psicopatas. Lembre-se disso de uma vez por todas. Aliás, o senhor tem lenha suficiente para o inverno?

O assistente de veterinária sentiu-se desconcertado com o inesperado da pergunta.

— Obrigado, por enquanto tenho. Por enquanto não me falta nada. Estou bem aqui — o assistente de veterinária amassou o boné nas mãos e franziu a sobancelha. Sentia-se envergonhado por sua explosão. Lançou um olhar para o oficial — Perdoe-me, não me contive...

O oficial ficou todo embaraçado.

— Bem, agora esqueça isso...

O presidente começou a rir.

— Está tudo bem. É como dizem, quem perdoa, esquece.

— E quem vai esquecer — ameaçou de brincadeira o oficial — uma coisa dessa? Fazer ocorrência não vamos, mas na memória vai ficar. Certo, camarada Kozúlin?

— Quem falou em ocorrência? — perguntou o presidente. — É um camarada culto...

— Culto pode ser... mas vai chegar aos ouvidos dos nossos, no posto policial...

— Não o reteremos mais, camarada Kozúlin — disse o presidente. — Pode voltar para o seu trabalho. Apareça, se precisar de alguma coisa.

— Obrigado — o assistente de veterinária levantou-se, pôs o gorro e se dirigiu para a saída.

Deteve-se à soleira da porta... Virou-se. E de súbito fez uma careta, fechou os olhos e, inesperadamente — como que diante de um batalhão —, deu voz de comando, alto, arrastadamente:

— A-ten-ção! A-li-nhar!

Depois passou os dedos pela fronte, pelos olhos, e disse baixinho:

— Apoderou-se de mim de novo... Até logo. — E saiu.

O oficial e o presidente permaneceram sentados sem tirar os olhos da porta ainda por um tempo. Depois, com dificuldade, o oficial virou-se na poltrona para o lado da janela e ficou olhando como o assistente de veterinária ia pela rua.

— Isso, sim, é o que eu chamo de pancada da cabeça — disse ele.

O assistente de veterinária Kozúlin ia apressado, como sempre. Olhando para o chão.

— Precisamos arrancar dele aquele fuzil — disse o presidente. — Se não, só Deus sabe...

O oficial tossiu.

— Você acha mesmo que ele é do “miolo mole”?

— O que foi?

— Está se fazendo de bobo! Eu vi pelos olhos...

— A troco de quê? — o presidente não havia entendido. — O que ele ganha com isso? Ainda mais agora...

— Ora, como não, com isso se livra de qualquer responsabilidade. Agora, vá perguntar a ele se tem atestado de doença — não tem. Aposto minha cabeça como não tem. Mas permissão, sim. Você fala em tirar a arma... Permissão para porte de arma ele com certeza tem. Quer ver: vou lá agora mesmo e verifico. E as contas estão todas pagas. Vamos apostar?

— Não estou entendendo mais nada: com que propósito haveria de difamar-se assim?

O oficial começou a rir.

— Sem nenhum propósito, apenas por precaução. Do contrário, para que esse — eu sou esquizofrênico. Sabemos bem como são essas coisas!